



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhadas-Lisboa • Telefone 5339 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A GREVE DA IMPRENSA

A ELOQUENCIA DUMA PROVA

Como se obtém uma medalha

Uma farça que ao Estado custou trinta mil contos

O outro aspecto

O *Jornal*, cotidiano que se publica em Lisboa e conta já oitodias de existência, propina regularmente aos seus leitores os preceitos fundamentais da filosofia burguesa. Favorece-nos a circunstância de serem poucos os leitores, muitos destes deixando sair por um ovidio aquilo que ao outro lhe assoprou a folha conservadora, propriedade de todos os órgãos que antes da decorrente greve se publicavam.

Ora o *Jornal*, que já tantos valiosos e convincentes argumentos tem produzido para condenar a atitude dos trabalhadores de imprensa que abandonaram o trabalho em obediência... ao instinto de conservação, descobriu ontem neste conflito, suscitado entre os que escrevem nos jornais e os que exploram os que escrevem, um novo aspecto.

Este novo aspecto da questão confirma, bem entendido, todas as ideias anteriormente expostas no citado órgão. A greve dos trabalhadores de jornais não tem posta por onde se lhe pegue. É inoportuna, é exorbitante, e ainda por cima é heterogênea. Por muitas razões e mais uma. Esta uma é o novo aspecto.

Ora vamos lá ver desenfastadamente o outro aspecto. Consta de vários raciocínios, todos muito profundos e muito sábios, porque a coisa mete ciência, da mais embasbacante e profunda. Diz o *Jornal*:

As mais comensais noções da ciência económica ensinam-nos que o salário ou paga que recebe o trabalhador, como remuneração do seu esforço e da sua aplicação, representa uma parte dos lucros resultantes da indústria em que ele exerce a sua actividade.

Da leitura deste curto período se depreende que as pessoas muito entendidas em sciencias económico-burguesas esquecem as coisas elementares. Nas linhas acima se afirma que o salário sai do lucro da indústria. Trata-se de um genuíno disparate. O lucro de uma indústria é a diferença entre a quantia obtida pela venda dos produtos fabricados e a despesa feita com a fabricação, nesta despesa incluído, evidentemente, o salário. Portanto, o lucro é um valor independente e sem encargos. É um romanescente, é o produto do trabalho não pago. O quinhão do assalariado não sai dele, pois do contrário não se trataria de lucro.

Mas continuemos examinando o

outro aspecto. Mostra, aos empoceirados olhos das empresas jornalísticas, se é que tais entidades tem olhos, que

a retribuição do trabalho será maior ou menor, não só de harmonia com as aptidões, actividade e exigências de preparação dos trabalhadores, mas também consoante os lucros mais ou menos elevados que resultem do género de produção por eles realizada. Quer dizer: quem trabalha em condições de perfeita igualdade, numa indústria florescente e próspera tem direito a reclamar maior salário que aquele que trabalha numa indústria que subsiste em condições precárias.

Aqui se consigna um preceito muito de considerar. Quem trabalhar numa empresa industrial qualquer, jornalística inclusive, deve pautar as suas necessidades pelo grau de prosperidade dessa mesma empresa. A asneira é aqui tão evidente que nem merece a pena combatê-la. Por tal critério, o tipógrafo ou o redactor do *Diário de Notícias* ganharia o quádruplo do salário dos seus colegas dos jornais pobres. O empregado duma grande companhia veria o seu ordenado variar consoante a cotação que na Bolsa obtinham os títulos dessa companhia. E assim sucessivamente...

Mas este outro aspecto, entrevisto agora pelo *Jornal*, serve apenas a condenar as reclamações dos grevistas. Estabelece-se um princípio, mas é só para o momento. Porque se a coisa fosse generalizada ficariam as grandes empresas opulentas, de qualquer indústria, obrigadas a retribuir os seus assalariados com honorários fenomenais. Essas empresas opulentas não fazem isso. E se os operários não cobram destas uma remuneração correspondente à prosperidade da indústria, se os não aliam a essa prosperidade, como se pode pretender jungi-los à pobreza, mais aparente que real, de certas empresas jornalísticas.

Não, illustres senhores. Os assalariados desinteressam-se absolutamente do estado financeiro de quem lhes paga. Não tem parte nos lucros. Não lhes cabe portanto parte nas perdas. Tem todos as mesmas necessidades, e o mesmo incontestável direito a satisfazê-las. Nenhuma dessas aramboiadas leis económicas com que o *Jornal* pretende embarracar-nos pode destruir esta incontestável verdade.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reiniciou o Conselho Confederal. Foram lidos officios da Federação da Indústria Mobiliária, nomeando delegados os camaradas Alfredo Marques e José Martins Grilo; da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, apresentando informações sobre as perseguições que ali se continuam exercendo contra a classe operária; da U. S. O. do Seixal, pedindo um delegado para a reunião que efectua depois de amanhã para tratar duma questão que interessa aos vidreiros; da Associação dos Rurais de Palmela, convidando a enviar um delegado à sessão que realiza depois de amanhã. A propósito destes dois convites foi aprovada a seguinte proposta apresentada pelo delegado M. Afonso:

Propunho que a C. G. T. se faça representar em sessões desta natureza em localidades onde não existam Unões Locais, aproveitando os seus delegados o momento para justificar a utilidade dos organismos centrais confederais. Outrosim proponho que quando essas convites sejam feitos por sindicatos bem distantes da capital se incumbam as Unões Locais mais próximas de representar a C. G. T.

Foi lida em seguida uma circular da U. S. O. do Porto acerca da reunião inter-sindical que este organismo effectua em 30 e 31 do corrente mês, e para a qual convidava a C. G. T. a fazer-se representar pelo secretário geral. Sobre o assunto fizeram uso da palavra quasi todos os delegados, uns discordando da referida conferência e, portanto, que a C. G. T. se fizesse representar; outros manifestando opinião contrária. No meio da discussão, que foi muito viva, deu-se um incidente com os delegados Carlos de Araújo e Júlio Luis, incidente sobre que se abriu sessão especial, tendo sido nomeada, depois de se manifestarem muitos delegados, uma comissão de três membros para averiguar do fundamento duma acusação feita pelo segundo ao primeiro dos delegados. Por último o conselho deliberou fazer-se representar na conferência pelo secretário geral.

Um «gesto» de Millerand

Generosidade para os «miseráveis»...

PARIS, 27. — O presidente e madame Millerand anunciaram que não daria bailes, recepções nem jantares, porque, atendendo a que há grandes sofrimentos a minorar, esse dinheiro será utilizado para ajudar aqueles que se debatem com a miséria, especialmente as crianças. — *Rádio.*

...produzindo os seus efeitos

PARIS, 27. — O presidente e a senhora Millerand ofereceram um banquete aos membros do corpo diplomático. — *Rádio.*

União dos Sindicatos Operários

Reiniciou as direcções dos Sindicatos

Proseguiu ante-ontem, conforme tinha sido resolvido na sua última reunião, a discussão do assunto para que as direcções dos sindicatos tinham sido convidadas. Como se tivesse reconhecido que o número de sindicatos representados era insuficiente para tomar decisões finais sobre a situação final sobre a situação que se encontram os camaradas presos por questões sociais, visto ser inferior à da anterior reunião, ficou resolvido que a discussão prosseguia segunda-feira, 31 do corrente, pelas 20 horas. Espera-se, portanto, a comparência das direcções de todos os sindicatos.

Análises toxicológicas

Os juizes de investigação criminal reclamaram superiormente, no sentido de que sejam feitas com urgência as análises toxicológicas, indispensáveis para o andamento dos processos. Essas análises, ao que parece, não tem sido realizadas com a presteza que seria para desajar, devendo, apenas, a falta de uma verba, relativamente insignificante, para a compra de álcool.

O operariado do país ao lado dos grevistas

A Federação do Livro e do Jornal apela para a solidariedade de todas as organizações gráficas

Solidariedade para com os grevistas

Uma exortação da Federação do Livro e do Jornal

Pela Federação do Livro e do Jornal será hoje distribuída, em todas as oficinas, e enviada a todas as organizações gráficas do país a seguinte exortação:

Camaradas: Não vos daremos uma novidade se vos dissermos que se encontram em greve, há 12 dias, os nossos camaradas compositores tipográficos dos quadros dos jornais, que pela vez primeira se dirigem ao combate, sob o patrocínio deste organismo federativo, na companhia de duas corporações que ora tem o seu baptismo de fogo e que estão, como as vossas, agrupadas na Federação do Livro e do Jornal, sendo uma delas a dos Trabalhadores da Imprensa, isto é: articulistas, reporters, redactores da Arcada e do Parlamento, revisores e demais pessoal das redacções, e a outra os Distribuidores do Jornal.

Os motivos que determinaram a presente greve são os mesmos que neste momento vos convulsionam: reclamações de aumento de salário e algumas outras de natureza profissional. Mais nada.

As empresas jornalísticas, que vêem com manifesta hostilidade a unificação de todos os salarizados que no jornal cooperam, pretendem abrir brecha no bloco formado por nós trabalhadores manuais e intelectuais, havendo para esse efeito recorrido a processos que não dignificam quem deles lança mão.

Tem os grevistas realizado animosamente os seus propósitos de subversão das empresas jornalísticas, possuindo nos fundados esperanças de que os seus de solidariedade que os nem não serão partidos pelo inimigo comum.

E, porém, mister que os nossos irmãos de trabalho concorram materialmente, e desde já, na medida do seu esforço, para o triunfo da causa que está em jogo, e assim a vossa Federação exorta-vos a que, embora realizando um sacrificio, pagueis, chais a lista que está patente no local onde exerceis a vossa actividade, a fim de que os grevistas possam ter de vós um auxilio que amanhã, em circunstâncias idênticas, vos não negarão se sublevar, como cremos, ajudá-los neste instante.

Os donativos serão recebidos, a partir de amanhã, na redacção de «A Batalha», Calçada do Combro, 38-A, 2.º, das 20 horas em diante, pelo tesoureiro da Comissão Executiva do Movimento, ou quem o representar.

Resposta à letra

Uma carta do jornalista sr. José Sarmiento ao sr. Jorge de Abreu director de «O Primeiro de Janeiro»

É de fina cambraia o guardanapo que o sr. José Sarmiento ofereceu a sr. Jorge de Abreu para se assor. Respondendo ao director do *Primeiro de Janeiro*, aquele illustre jornalista, antigo profissional de verdade, oferece a sr. Jorge de Abreu, o seguinte delicioso rebuçado que o sr. Jorge de Abreu com certeza há-de deglutar:

Ninguém, nesta grande família da imprensa, cheia de nobreza e de actos de sacrificio e de capa de pôr em dúvida a tua honrabilidade, o teu profundo amor pela nossa profissão, a tua alta capacidade de jornalista, e a tua, apesar da tua actual e justíssima situação de director de um jornal — a tua leal e sincera camaradagem. Mas os turbilhões da vida, em que cada um de nós rola para seu lado, — fazendo criar interesses novos, em contacto com os conflitos sociais, que, nesta hora de confusão, se tornam mais violentos e irritantes, conseguiram separar-te aparentemente do nosso convívio, presuppõe divergência de ideias e de princípios.

Juntas de freguesia

O resultado da reunião de ontem

A convite do seu conselho central, reuniram a noite passada, na câmara municipal, as juntas de freguesia de Lisboa.

Foram largamente expostas as demarches feitas no sentido de entregar ao ministério da agricultura a importância da batata fornecida às juntas, sem que até ao presente isso tenha sido possível, encontrando-se o dinheiro depositado. Resolven-se levar a questão ao parlamento, onde um deputado interpele o respectivo ministro.

Sobre o congresso das juntas resolveu-se effectuá-lo o mais rapidamente possível.

Discutiu-se o extraordinário desenvolvimento da prostituição pelas ruas da cidade, principalmente nos pontos mais concorridos, como Rossio e Largo de S. Domingos, tornando-se quasi impossível a determinadas horas transitar por ali senhoras, tais os actos que se praticam e as palavras que se profere.

Igualmente se tratou do jogo, citando-se o facto do commissário geral da policia mandar prender os pontos que jogavam no Club dos Patos, postos depois em liberdade pelo governador civil, dando origem a um conflito entre aquelas entidades. Foi resolvido dar o apoio ao commissário da policia, solicitando-lhe medidas energicas para se evitar o escandaloso espectáculo da prostituição nas ruas.

Deliberou-se pedir à câmara para

Acima, porém, desta momentânea e illusoria escapada, eu sinto que no teu espirito, equilibrado e justo, no teu coração de amigo e na tua grande alma de camarada, existe, intangível e resplandecente, aquele mesmo inofensivo movimento de revolta que fez de ti, em horas inolvidáveis, o mais dedicado paladino das nossas reivindicações. Poderia eu, por ventura, esquecer-me de que andámos juntos naquela cruzada de 1914, ao lado dos distribuidores dos jornais, até à memorável noite do caloroso e triunfante sarau no Coliseu dos Recreios? Hoje, não são só os distribuidores, — campeões intrépidos da propaganda do jornal — que vão acompanhados. Ao nosso lado estão os compositores, os impressores, os estereotipadores, gente amiga, gente da mesma comunhão, homens como nós.

O momento, meu caro Jorge, — supõe-me de apontar esta fase de evolução à tua alta inteligência, — é de braços abertos e coração contra coração. Há antagonismo de interesses? Evidentemente. Sempre houve, e continuará a haver-lo, enquanto se não atingir uma perfeição maxima dos meios sociais. Não chegará o resto da nossa vida para assistir a essa aurora deslumbrante. Mas dentro da velha «engrenagem», que guinchava nas mil vozes das suas articulações enferrujadas, poderemos encontrar, mesmo através do nosso sentimento, o ponto de equilíbrio que nos deve dar a noção exacta das responsabilidades de cada um, sem excluir a ampliação de proceder em harmonia com a nossa consciência e com os deveres de reciprocidade a que obriga a hora grave que passa.

É de supor que o antigo paladino das reivindicações da classe jornalística, agora director do mais importante jornal do norte, ao ler a invocação saudosa de outros tempos, com tanto brilho feita pelo sr. José Sarmiento, e ao ponderar as judiciosas considerações deste seu brilhante colega que hoje conserva as mesmas ideias e os mesmos sentimentos de sempre, se sinta pavoroso por, ao intrometer-se «pontaneamente num conflito para o qual não fora ouvido nem achado, não lhe ter ocorrido aquela sentença popular: se a palavra é de prata, o silêncio é sempre de ouro».

«A Imprensa de Lisboa»

Foi ontem inaugurada no Rossio, a primeira sucursal para a recepção de anúncios

Como havíamos anunciado, inaugurou-se ontem, pelas 14 horas, a primeira sucursal de «A Imprensa de Lisboa», órgão dos grevistas, instalada no quiosque Central da Praça de D. Pedro, situado em frente da rua do Ouro orlando a embocadura da rua Nova do Carmo. Em volta do quiosque foi colocada uma faixa cinzenta, com o titulo do jornal em letras negras.

Para inaugurar-se a sucursal, foram disparados alguns morteiros, rompendo com uma estrondosa ovação a compacta e numerosa multidão que se aglomerou em volta do estabelecimento que desde hoje fica à disposição do publico para a recepção de anúncios, noticias e informações para «A Imprensa de Lisboa».

A Liga das Artes Gráficas do Porto previne os gráficos do norte que não venham

trair os colegas de Lisboa e sauda os camaradas da imprensa em greve

A Liga das Artes Gráficas do Porto fez distribuir a prevenção seguinte:

Colegas. — Encontrando-se em greve os nossos colegas dos jornais diários de Lisboa e como nos consta que vieram para o norte dois delegados das empresas jornalísticas com o fim de arranjar tipógrafos que vão traír aqueles nossos colegas, espera a Direcção desta colectividade que daqui ne-

num colega vá substituir os colegas em luta, havendo assim a verdadeira solidariedade operária. — Porto, 21 de Janeiro de 1921. — A DIRECCÃO.

O mesmo organismo associativo dos trabalhadores do livro e do jornal, do norte, enviou também a comissão executiva do movimento dos trabalhadores dos jornais pró aumento de salário, o seguinte officio de saudação:

Porto, 25 de Janeiro de 1921. — Aos camaradas da imprensa de Lisboa em greve. — Presados camaradas: — A direcção da Liga das Artes Gráficas do Porto, não esquecendo que laços da mais estreita solidariedade, unem os gráficos do Porto aos seus colegas de Lisboa, envia-vos neste momento em que vos encontrais em luta tão justa quanto simpática as suas saudações, de mistura com o desejo de rápido e completo êxito das vossas reivindicações.

Saudações aos grevistas

O Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil de Lisboa enviou um officio à comissão executiva do movimento pró-aumento de salário saudando as classes em greve e afirmando-lhes todo o seu apoio moral.

«Guerra aos canários»!

Prevenção às associações operárias

Há dias, na associação dos Fragatários, quando ali apparece a tomar notas da assembleia geral que ali se realizava, um reporter de «O Jornal», foi pelo presidente da mesa convidado a retirar-se, convite que foi bem acolhido pela assembleia que verberou ali mesmo e imediatamente a attitude do amarelo.

Este procedimento carece de ser imitado por todas as associações operárias.

Os amarelos despertam sempre entre o operariado lutador a mais profunda repugnância. É preciso que os amarelos da actual greve dos trabalhadores de jornais sintam bem o desprezo que ao operário consciente merecem.

As associações operárias devem, pois, recusar qualquer informação ou noticia aos reporters do órgão das empresas jornalísticas e não permitir a sua permanência nas suas festas ou assembleias, e exigir, sempre que algum trabalhador da imprensa se lhes dirija, o cartão de confiança de «A Imprensa de Lisboa», passado pela Associação de Classe dos Trabalhadores de Imprensa de Lisboa e chancelado com o selo branco da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal.

O operariado portuense e a greve

Uma saudação aos trabalhadores da imprensa da capital

PORTO, 25. — Na comemoração da passagem do 25.º aniversário da fundação do Sindicato dos Artistas Confiteiros e Artes Correlativas, realizada domingo ultimo, com a representação da grande maioria dos sindicatos desta cidade, foi também apreciada a nobre attitude de todos os trabalhadores da imprensa em greve, comentando-se a sua situação e a união dos trabalhadores manuais com os trabalhadores intelectuais.

E como este facto, duma actualidade filigrante, não podia passar despercebido numa reunião solene em que se tratava da emancipação moral, intelectual e social da Humanidade, foi aprovada, no meio dum grande entusiasmo, entre vivas e palmas, uma saudação aos trabalhadores da imprensa em luta, fazendo votos pela rápida vitória das suas reivindicações morais e materiais.

Camaradas:

Boicotagem «O Jornal» órgão das empresas jornalísticas

AS GREVES

EM CEZIMBRA

Com vitória para os grevistas, terminou o movimento dos marítimos

CEZIMBRA, 26. — Ao fim de 37 dias de luta, terminou a greve dos marítimos, mantendo-se a classe solidária, conseguindo sair vitoriosa do seu movimento.

As suas reclamações, que foram atendidas, são as seguintes: 1500 diários; 20 por cento do produto bruto da pesca; 15 0/0 em substituição das máquinas e dos caixotes com peixe para alimentação da companhia, devendo ser retornado o trabalho no dia 31 do corrente, conforme foi estabelecido pelas partes interessadas.

A acta em que se lavraram as condições que puzeram termo ao conflito, foi assinada pela comissão dos marítimos, composta de Custódio Rodrigues, Luciano dos Santos e António Pereira Rosa; e por parte dos armadores, dr. António Soares Pólvora; pela comissão medianeira, Abel Gomes Pólvora, Mário de Mesquita Lopes e Manuel José Pereira; pelo comércio, Adrião Pinto, Júlio de Figueiredo e António Maria Balada.

Foi um belo movimento reivindicador em que a classe marítima soube manter e impor a sua solidariedade e consciência.

Vende-se em Paris na rua d'Abbeville, n.º 18.

Vimos tarde, mas vimos a tempo. Não nos causam a menor surpresa as manifestações da burguesia, por mais incongruentes ou excentricas que sejam, pois sabemos estar todo o seu moral corrompido e só poder exteriorizar uma absoluta incompetência, a par de uma ridícula ostentação de força que não possui. Por isso, indiferentemente vamos assistindo diariamente ao desenrolar de scenas edificantes, constituídas pelas homenagens políticas e militares, onde em lautos banquetes ou em imponentes paradas, se tange a estafadíssima ária de um patriotismo pataqueiro e avariado, que outrora embalou este pobre povo, mas que agora não consegue emocionar um unico soldado, quanto mais qualquer miserável que arrasta a vida sob o tremendo peso das desigualdades económicas desta coisa que para aí se ergue difficilmente, e a que, pela força do hábito, nos acostumamos a chamar — sociedade.

Actos há, praticados pelos representantes officiais da burguesia e do capitalismo, tam excessivamente ilógicos e absurdos, que a nossa critica incide sobre eles, escarpelizando a loucura e o desvario que a sua pratica revela, pelo oferecimento, quasi espontâneo, de armas de combate, que nos é feito, com uma inconsciencia pasmosa.

Neste caso está o acto militar realizado há dias, no Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, em que as acções do ministro da guerra, o dr. sr. Alvaro de Castro, chefe de um dos partidos políticos do actual regime, que se cognomina de reconstituinte, collocaram no peito do tenente-coronel Raul Esteves, comandante do referido batalhão, a medalha de ouro de *bons services* e no peito dos restantes officiaes da mesma unidade militar, e de alguns sargentos e rarissimos soldados, uma outra, por iguais façanhas, praticadas durante a recente greve ferroviária do Estado.

Bons serviços prestados nos Caminhos de Ferro, por Raul Esteves e pelos seus officiaes, sargentos e soldados! Pasmal, ó gentes, mas tende paciência, é assim mesmo! O caso não deveria ser por nós tomado a sério e seria digno de um artigo humorístico, mas é estabelecido um contraste tam flagrante entre o procedimento dos dignos trabalhadores ferroviários e a attitude ridicula dos governantes e dos medallhados, que forçados somos a fazer um balanço geral aos tais *bons services* agora recompensados, para que toda a gente tenha uma noção exacta da maneira como *burguesamente* se encara a situação económica e financeira do país e as vantagens e lucros que o Estado obtve com a intervenção militar nos Caminhos de Ferro.

No dia 20 de Setembro do ano findo fez o governo Granjo occupar os serviços ferroviários do Sul e Sueste pelos officiaes e soldados do batalhão de Caminhos de Ferro, que se espalharam por todos os lados, com o encargo de vigiar os movimentos do respectivo pessoal. As rotundas, as estações de entroncamento, passaram a ter officiaes a fiscalizar os respectivos serviços, não abandonando dia e noite as máquinas, os gabinetes do telegrapho e outros lugares onde a vigilância era aturada. Todas estas medidas foram tomadas para evitar a declaração da greve e impedir que as máquinas e outros apparelhos fossem sabotados.

Pois no dia 30 do mesmo mês, em pleno dia, sob tanta vigilância, a greve era declarada, não tendo os perspicazes militares dado por esse facto, senão quando nem um ferroviário permanecia nas estações... Os militares de Caminhos de Ferro tinham o encargo de evitar a declaração de greve, ou, pelo menos, impedir que o material ficasse impossibilitado por quaisquer actos de sabotagem. E no final os ferroviários lançam-se no movimento, deixando inutilizadas as máquinas, os telegraphos, etc. Foi pois uma eloquente prova de incompetência — a primeira a que o sr. Raul Esteves foi submetido com o seu batalhão no Sul e Sueste. Cinco dias depois, já na posse de tudo, a incompetência accentuava-se, não conseguindo fazer circular um unico comboio, recorrendo o Estado a outros estabelecimentos fabris, onde mandou executar as peças que haviam sido arrancadas as máquinas. Pois mesmo assim, para conseguirem isso, teve a traizão de dois empregados superiores da secção de desenhos de fornecer os *croquis*, pois de contrario coisa alguma teriam conseguido. Para obterem luz, tiveram de levar de Lisboa um engenheiro especialista, conseguindo, de corridos dias, pôr uma das máquinas da central a funcionar.

Não ficaram por aqui as manifestações de incapacidade do tam decantado batalhão. Para obterem maquinistas e outro pessoal, tiveram de fazer a chamada militar dos profissionais — ou seja dos proprios grevistas. Pois apesar disso os raros combóios que circularam durante dois meses e meio, não conseguiram approximar-se da normalidade e toda a gente que teve a infelidade de viajar neles sabe que em tractos, para que não seriam necessárias mais de umas sete ou oito horas, se levavam dois e mais dias! Enfim, o que foi o serviço militar nos Caminhos de Ferro dizem-no-lo os factos, de uma eloquên-

cia iam esmagadora que ninguém é capaz de os contestar.

Conforme os dias decorriam, desapareciam as máquinas, completamente inutilizadas, aumentando o seu numero tam grandemente, que, dias antes de terminar a greve, duas locomotivas da C. P. foram requisitadas, as quais, afinal, dois dias depois, ficavam tam bem inutilizadas. No dia em que a greve terminou, a situação era tam precária, que se dava como certa a paralisação completa de combóios, se o movimento se prolongasse mais uns oito dias.

O destino que os vapores tiveram todos conhecem, pois não escaparam à fúria militarista, ficando todos inutilizados.

Terminada a greve e, por consequência, terminada a missão do batalhão, o que ficou no Sul e Sueste? Destroços, que reunidos ao desaparecimento de mercadorias, ferramentas e material, representam milhares de contos perdidos.

As remessas eram entregues *ad-hoc*, havendo dezenas de consignatários que reclamavam as suas mercadorias, mas em vão, porque até hoje não lh'as entregaram, nem lh'as pagam.

Já aqui se tem affirmado que enquanto durou a greve, os Caminhos de Ferro do Estado estiveram a saque.

Foi effectivamente o que resultou da acção militar no Sul e Sueste e Minho e Douro. Aos soldados, que na sua maioria se arrastavam ao longo das linhas, cheios de fome, não cabe responsabilidade alguma nesse facto, que foi obra apenas dos que se arvoraram em teos, perante a resistência dos ferroviários. Em resumo, reunindo os prejuizos ocasionados pela falta de receitas durante dois meses e meio, o valor do material que ficou inutilizado, o desaparecimento de ferramentas, mercadorias, roupas e material de vária qualidade, o dispêndio com a manutenção dos milhares de homens que guardavam as linhas férreas, o pagamento dos soldos e prets extraordinários, à quasi totalidade das forças militares, acharemos uma cifra muito superior a trinta mil contos arrancados aos cofres do Estado, não levando em conta os prejuizos materiais que a prolongação da greve ocasionou em todo o país, prejuizos que quasi arruinaram algumas indústrias, agravando a situação económica de milhares de operários.

A acção do batalhão de Caminhos de Ferro nem ao menos contribui para que a greve terminasse, pois que ela findou unicamente pela falta de recursos e não pela imposição de ninguém. Balançando os serviços prestados pelo elemento militar, nos Caminhos de Ferro, encontramos-nos em frente deste admirável resultado: destruição.

E são concedidos com medalhas de ouro, de prata e de outros metais, os homens que produzem tam soberbo trabalho! Compreendemos. Na linguagem deles, chama-se a essa obra um *serviço relevante prestado à Pátria*. Foi pois pelos *relevantissimos* serviços que a sua pátria prestaram, nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, que o comandante e demais officiaes do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro foram há dias condecorados!

Trinta mil contos perdidos, lançados à rua! Que representa isso para um país como o nosso, com o erário cheio de *esfomeados*, as indústrias aniquiladas e a agricultura pouco mais do que paralisada? Era necessário affirmar o brio militar, justificando a existência duma coisa que absorve milhares de contos, embora improdutivamente. Foi o que se fez.

Aqui tem o publico, aqui tem os explorados mais uma prova da administração burguesa e do destino que dão ao seu snor, transformado em metal. E glorifica-se um homem que com a sua direcção, as suas imposições e a sua incompetência técnica, causa a um país tam elevado prejuizo! Mas é assim que em Portugal se procede, onde tudo caminha ao sabor da incapacidade politica e administrativa das castas dominantes.

E assim, temos disso a certeza, que se conquistam medalhas e outras honrarias, como que provocam a nossa miséria, quando atravessamos essas ruas por aí.

Foi certamente assim, também, que o tenente-coronel Raul Esteves conquistou as medalhas que possuía anteriormente.

E para que bem eloquentemente os feitos heroicos do aguerrido comandante do historico batalhão, ficassem vinculados na alma dos seus colaboradores, foi-lhe oferecido no restaurante Silva, do Chiado, há dias, um lauto banquete, pelos chefes de serviço dos Caminhos de Ferro e outras entidades officiaes, onde o *champagne* correu abundantemente e onde foram glorificados os trinta mil contos que a acção dos convivas fez perder ao Estado.

CONSELHO JURIDICO da C. G. T.

O dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Juridico, dá hoje consulta, das 21 ás 23 horas, no gabinete da C. G. T.

15) EM TOURS

CONGRESSO NACIONAL

Partido Socialista Francês

— Os nossos camaradas da reconstrução, que discutiram essa redacção conosco, concordaram em que podiam aceitar-lhe, mas que os seus amigos, no estado de excitação em que os puzera o telegrama do Executivo, não ficariam satisfeitos.

Renoult lê então o texto seguinte:

O Congresso, tendo tomado conhecimento das declarações da camarada Zinovief e da crítica que ele dirige em termos ardentes de polémica doutrinal, contra a política da direita e contra a da esquerda chamada do centro, lembra que a indispensável disciplina em relação à Internacional Comunista não implica que esta, como se diz no artigo 16.º das condições aprovadas no último Congresso de Moscú, deixe de ter em conta as suas condições de luta, e imponha resoluções gerais e obrigatórias fora dos casos em que isso é possível;

Declara que a moção de adesão assinada pelo Comité Francês da III Internacional, e aprovada pelo Conselho Executivo desta, legítima para o futuro, não impõe exclusão alguma para o pas-

sado, e precisa da maneira mais clara que as exclusões previstas nos art. 7.º e 20.º das condições de Moscú não poderão aplicar-se a nenhum membro do Partido que aceite em princípio a decisão do presente Congresso, conformando a sua acção pública com a disciplina comum.

Renoult lê a acrescentar:

— Não, amigo Longuet... Longuet. — Não, não! Se em seu nome agente da burguesia não podeis ter-me como amigo.

Renoult. — Sabeis bem que não é com esse espírito que se deve ler o telegrama. Ele quer dizer apenas que por vezes as hesitações da vossa política puderam servir o inimigo burguês.

Renoult lembra depois a Longuet o obsequioso acolhimento que este teve em Haile, por parte de Zinovief.

Frossard usa em seguida da palavra.

— Eu quero falar claro. Quando tive a honra de ir a Moscú não tomei senão um compromisso: o de levar o meu partido a aderir à III Internacional. Isso já está feito. Hoje posso lem-

brar que no decurso dos debates do II Congresso, a violência das polémicas que me tinha tirado a vontade de levar o Partido para a III Internacional. Sabeis que abandonamos o Congresso quando se insistia pela exclusão de camaradas que conosco empreenderam grandes lutas. Desde que regressámos não deixámos de afirmar os mesmos sentimentos.

— Eis que hoje, consumada a adesão, dizem os nossos camaradas da Reconstrução que não podem permanecer mais tempo no Partido.

— Teria querido falar ontem no telegrama de Zinovief. Não estou de acordo com este. Para mim, vós não sois serventários de influência burguesa. Porque não hei de dizê-lo? Aderindo à III Internacional não renunciámos à nenhuma liberdade de crítica, das teses e dos homens. Temos pelos homens da Revolução russa uma admiração sem limites, mas essa admiração não poderá forçar-nos a submeter todos os julgamentos que eles fazem dos homens e das causas.

— Se Longuet tivesse ido a Moscú muitos equívocos teriam ficado dissipados. Podemos bem dizer que Zinovief se enganou. Se eu não dissesse estas coisas não sentiria que renegava todo o meu passado de militante?

— A acção de Longuet, de Faure, de Haile-Vienne foi a minha. E para mim um dever de consciência proclamar uma vez mais que os camaradas da Reconstrução serviram a Revolução de boa fé.

— Temos de escolher entre os dois textos. Não quero fazer casuística. Mas

sabeis o que nos impede de aceitar a vossa moção? É que vós pedis que se mantenha a unidade actual (1).

— Depois de terdes proclamado que a guerra nos impõe novos deveres, dir-se-ia que não queréis mudar nada no estado de impotência em que nos encontramos. Consideramos a unidade possível por meio dum acordo mínimo sobre doutrinas e métodos.

— Queremos nós porventura que abjuréis? Digo a Paul Faure que sabemos bem que uma moção não tem o efeito duma varinha mágica sobre as consciências. No entanto, tendes necessidade de nós como nós temos necessidade de vós. E por isso que apelo para a vossa consciência de revolucionários.

— Para explicar-vos a razão porque não podemos subscrever a vossa fórmula, dir-vos-hei: Quando enviámos o nosso telegrama de Moscú houve camaradas que manifestaram publicamente a sua desaprovção. E desde então tem continuado. Há homens que se vão embora porque já há seis meses querem ir-se embora. A vossa fórmula é portanto vã ou perigosa. Reflecti.

— A hora é difícil para todos. Perguntem-me que situação ficaremos amanhã uns e outros. E não diviso um sério descalço, entre nós. O que, quando eu falava, tinha a impressão de traduzir o vosso pensamento. Se amanhã estivermos separados os egoísmos chocar-se-ão. Abandonar-se há uma orga-

nização por outra, por uma questão de ambição insatisfeita.

— Camaradas de Reconstrução: ficai conosco! Suplico-vos, com todas as minhas forças, que não penseis senão no único interesse: o da classe operária internacional.

Uma tempestade de aplausos acolhe estas palavras.

Mistral declara então:

— Ninguém mais do que eu deseja evitar a cisão. Se empregarmos a fórmula «unidade actual» é porque queremos marcar que nenhuma exclusão pode efectuar-se nem pelos actos passados nem pelas atitudes actualmente tomadas; e é também porque consideramos esta fórmula como um último apelo aos que manifestaram a intenção de abandonar-nos.

Mistral declarou a Renoult que, pessoalmente, poderia aceitar o seu texto, mas este, de insuficiente precisão, é susceptível de interpretações diversas, e, de resto, o telegrama de Zinovief contradi-lo brutalmente.

— Sim, eu creio na sinceridade de Frossard. Mas serão todos assim tão sinceros? E como eu receio que amanhã, a cobertura do vosso texto insuficiente, possa proceder-se a execuções, aqui e ali, peço-vos que não rejeiteis a nossa moção. A rejeição dela ou a aprovação do vosso texto é, o mesmo, repetição, que proceder à nossa exclusão.

O Congresso escuta com atenção Mistral, que continua:

— ... e eu não quero que procedais à nossa exclusão. Compreendo que vós éis difícil apresentar-vos perante o Execu-

tivo da III Internacional com um texto que o desaprova. Os vossos recelos são legítimos. Mas não também nos propomos um texto injurioso. Só os camaradas das federações podem desaprovar. Estarão estes dispostos a ficar sempre, passivamente, por fiadores de textos intangíveis? Não farão um gesto para salvar a unidade?

Um delegado: — É vós?

Mistral. — Fizemos tudo quanto podíamos fazer para salvá-la. Vós podeis conseguir-lo ainda. Pronunciá-vos! (Aplausos).

Fala Paul Faure

A Mistral sucede-se Paul Faure:

— Lemos o telegrama de Zinovief, e eu fiquei estupefacto quando ouvi Renoult dizer que esse documento não fala de exclusões. Decididamente, não foi lido com os mesmos olhos. E este facto assombra-me. É essencial para Moscú conseguir a cisão em toda a parte. Vede! *l'Humanité* desta manhã: Zinovief intimava Serrati a expulsar d'Aragona e Turati!

— De resto, vós sois partidários duma hierarquia de poderes subordinados ao poder internacional, e quereis reforçar a disciplina. Pois bem! Zinovief, o chefe da Internacional Comunista, pronunciou-se. Queréis, logo de começo, praticar um acto de disciplina?

Paul Faure pergunta como é que ele e os seus amigos poderiam tomar parte na acção comum com a maioria, desde que Zinovief lhes chama «servidores da burguesia». — É impossível, a menos que decidais, não por uma fraca maio-

ria mas por unanimidade «lavar o ul-trage».

Vaillant-Couturier diz que tem poucas palavras a acrescentar. As posições estão tomadas depois dos apelos de Renoult e de Frossard. Para Longuet e seus amigos não será sobretudo o amor-próprio que os faz insurgir contra certas palavras, um pouco violentas, que estão no tom habitual da literatura moscovita? — O nosso texto está de maneira que qualquer operário e qualquer camponês lhe compreenderá o sentido. E se, apesar disso, o centro fizer cisão, irá fatalmente juntar-se à direita; renegareis todo o vosso passado de acção e merecereis então o epíteto que vos aplicou a Internacional Comunista. (Aplausos).

Roumajon (Corrêe) declara que está pronto, com alguns delegados da província, a votar a moção Mistral, e lhe tirarem a expressão «unidade actual» que constitui um equívoco, porque ela deixa a porta aberta a uma política que o Partido condenou.

Longuet declara então:

— Fiquei muito impressionado pela intervenção de Roumajon. Sei que ele trazia a angústia dum grande número de federações da província que, tendo votado a adesão, não querem todavia «assassiná-lo» seu partido. Roumajon pede que se corte a palavra actual. No momento em que a maioria se esforça por reter-nos como capa ou como reféns (protestos), não se trata da exclusão de Thomas, a quem já há muito tempo fizemos compreender que não tinha lugar entre nós. (Continua).

Partido Comunista Português

Publicamos hoje mais seis capítulos das bases orgânicas do Partido Comunista Português, projecto que a respectiva comissão organizadora levará a uma assembleia que brevemente será convocada para o apreciar:

CAPÍTULO III

Da organização geral do partido e seus elementos constitutivos

Base 6.ª. — O Partido Comunista Português, que é uma organização federal de todo o território nacional, é constituído:

- 1.º por comités locais ou centros;
- 2.º por federações municipais;
- 3.º por secções regionais ou zonas; e
- 4.º por cooperativas ou outras agremiações de qualquer natureza.

CAPÍTULO IV

Dos comités locais ou centros — Sua formação e funcionamento

Base 7.ª. — Seção 1.ª. — As células-bases da organização do partido são os comités ou centros em todas as freguesias ou localidades.

Seção 2.ª. — Os comités locais serão compostos de três membros, pelo menos, e sempre que o número dos seus aderentes o permitir, transformar-se-ão em centros, que nas grandes cidades constituir-se-ão por bairros.

Seção 3.ª. — Cada comité terá um secretário e um tesoureiro.

Seção 4.ª. — Os estatutos dos comités locais ou centros obedecerão a um estatuto-tipo, elaborado pela Junta Nacional, em harmonia com o regulamento geral partidário.

CAPÍTULO V

Das federações municipais, e suas atribuições

Base 8.ª. — Seção 1.ª. — As federações municipais comunistas são constituídas pelos delegados dos comités ou centros e dos jornais comunistas, pertencentes ao mesmo conselho.

Seção 2.ª. — Cada Federação Municipal Comunista terá uma direcção política, exercida por uma junta executiva; uma administração financeira, exercida por um conselho económico; e uma comissão de educação e propaganda, que serão anualmente eleitos pela assembleia dos seus delegados.

Seção 3.ª. — São atribuições principais das federações municipais, por intermédio das suas juntas executivas, fiscalizar a acção dos comités locais ou centros, fazendo-lhes cumprir as deliberações das juntas federais das Secções, da Junta Nacional do partido e dos congressos.

Seção 4.ª. — Compete às federações municipais, por intermédio dos seus conselhos económicos:

- 1.º organizar os respectivos orçamentos;
- 2.º criar fontes de receita, fazer a cobrança das cotas e de outros rendimentos e promover as despesas;
- 3.º organizar estatísticas de produção e consumo dos respectivos conselhos, bem como as dos movimentos demográficos operários.

Seção 5.ª. — Compete às federações municipais, por intermédio das suas comissões de educação e propaganda, promover a educação moral e intelectual dos trabalhadores, a fundação de escolas, a realização de conferências científicas, a instalação de bibliotecas, etc.

CAPÍTULO VI

Das secções ou zonas regionais e suas atribuições

Base 9.ª. — Seção 1.ª. — Nos territórios de Portugal, sitos na Europa, o Partido Comunista Português divide-se em três zonas seguintes: 1.ª Zona regional do norte; 2.ª Zona regional do centro; 3.ª Zona regional do sul.

Seção 2.ª. — Não são compreendidos nestes territórios os das ilhas adjacentes, que deverão constituir-se em federações autónomas, com representação no órgão executivo supremo do partido.

Seção 3.ª. — As zonas ou secções regionais são constituídas pelas federações dos organismos partidários dos respectivos conselhos.

Seção 4.ª. — Cada zona ou Secção Regional Comunista terá uma direcção política, exercida por uma junta federal; uma administração financeira, exercida por um conselho económico regional; e uma comissão de educação e propaganda, que serão anualmente eleitos pelos congressos regionais do norte, centro e sul.

Seção 5.ª. — Compete às zonas ou secções regionais por intermédio dos seus organismos de direcção política, administração financeira e propaganda, dentro das esferas das suas jurisdições respectivas, as mesmas funções que, nestas bases, se atribuem aos

No teatro de S. Bento

Na câmara dos deputados

Algo interessante a decair de ontem no teatro de S. Bento, que principiou às 15 horas, sob a presidência do sr. Abílio Marçal, estando presentes 40 deputados.

O sr. Manuel José da Silva (o de Azeite) chamou a atenção do governo para a notícia do jornal francês *Le Temps* sobre a entrega pelos americanos de material de guerra, em troca de concessões nas nossas ilhas, onde durante a guerra esteve instalada uma base naval americana, que a seu ver, poucas vantagens trouxe para o país. Manifesta opinião contrária o sr. Hermenegildo de Medeiros.

O ministro da guerra diz não ter conhecimento do assunto, parecendo-lhe ser estúpida de fundamento a referência.

A seguir são apresentados por vários deputados projectos de lei.

O sr. António Francisco Pereira, socialista, pede informações ao ministro do interior sobre a forma como foram conduzidos alguns presos por questões sociais do Porto para Lisboa. Por último, trata da paralisação de serviços, por falta de papel, na Imprensa Nacional.

O ministro do interior responde que vai informar-se sobre o caso dos presos por questões sociais. Quanto ao segundo assunto, declara que não o pode resolver, por si, por implicar uma despesa superior a duzentos contos. Nesse sentido, apresentará, dentro em breve, uma proposta de lei.

Trata-se depois dos Transportes Marítimos, falando o sr. Eduardo de Sousa, ministro do comércio, Barbosa de Magalhães, Abóim Inglês, M. J. da Silva, ao cabo do que a discussão não faz luz.

O ministro do trabalho envia para a mesa uma proposta de lei, ordenando todas as leis e decretos respeitantes ao trabalho de mulheres e menores.

Mais projectos e mais palavras, até que se volta à questão da Agência Financeira, tomando o resto da sessão o ministro das finanças, que põe em contraste o apoio que, pela imprensa, se dá à maioria parlamentar, era dado ao governo Granjo, e a campanha violenta que contra ele tem sido movida.

Declara que se o debate da Agência Financeira motivasse a queda do governo, graves prejuízos adviriam para a nação e salienta o egoísmo feroz dos financeiros, que há pouco entraram no ministério das finanças de chapéu na cabeça e já hoje entram, humildemente, de chapéu na mão, reconhecendo o Estado como verdadeiro patrão.

Depois de anunciar — boas novas não dá o homem — que em Maio já talvez os 200.000 contos da circulação fiduciária não sejam suficientes, aprecia declarações feitas pelo sr. Jorge Nunes, dizendo que estamos em presença dum perigo nacional, o que não é novidade nenhuma. Cal depois sobre a política do sr. Granjo, que entende ter sido ruínoza para o país, terminando por afirmar que se deixar o governo não sairá de espinha curvada, como um cão, antes pelo contrário.

Hoje há sessão.

Os serviços para S. Tomé

Na província de Angola está-se produzindo um grande movimento de protesto contra a saída intensiva de serviços para S. Tomé e Príncipe, por isso que tal facto está produzindo a agricultura, comércio e indústria da província os mais graves prejuízos. O sr. Norton de Matos vai estudar o assunto.

corpos directivos, seus congéneres, das federações municipais.

CAPÍTULO VII

Da organização do Partido nas colónias

Base 10.ª. — Nas colónias o Partido Comunista Português organizar-se-á em federações provinciais autónomas, constituídas por blocos formados pelas associações operárias e ligas indígenas, instituídas por localidades, distritos ou regiões.

Base 11.ª. — As Federações Provinciais Comunistas das colónias terão uma representação adequada no órgão nacional executivo do partido.

CAPÍTULO VIII

Dos órgãos directivos do Partido

Base 12.ª. — São órgãos directivos do Partido Comunista Português:

- 1.º um Congresso Geral;
- 2.º uma Junta Nacional;
- 3.º um Conselho Económico Nacional; e
- 4.º uma Comissão Geral de Educação e Propaganda.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — às 21 horas — HOJE RECITA DE ACCIONISTAS

Grande Companhia de Circo

Ultimos, definitivos e irreversíveis espectáculos em que entra o célebre e arrojado domador **FORTUNIO**

que amanhã faz a sua festa artística a convite de muitos membros da Colónia Francesa e admiradores

As notáveis ciclistas **6-EVELYNAS-6**

As fenomenais dançases **ISMAY GIRLS**

e todas as atrações da Companhia

Segunda-feira — Festa artística da mais pequenina ciclista do mundo.

A questão do peixe

Estamos autorizados a afirmar que não tem o menor fundamento a atoarda de que o comissário geral dos abastecimentos sr. Peres Trancoso vai dar uma percentagem sobre o valor dos barcos de pesca requisitados. É intenção do sr. Peres Trancoso dar uma percentagem aos armadores proprietários dos barcos requisitados, percentagem que incidirá sobre o valor do peixe pescado e não sobre o valor dos barcos, como se tem dito.

Queixas e reclamações

Presas sem julgamento

Queixam-se nove mulheres, que há cerca de dois anos se encontram presas no Aljube, que ainda não foram julgadas, parecendo que se trata de uma situação anormal.

Quanto ao caso de uma mãe, que se queixa de que os seus filhos, na miséria, desejando que terminem as suas torturas, pedindo que lhes seja feita justiça.

Não sabemos o motivo porque aquelas criaturas se encontram presas, mas seja pelo que for, dois anos sem julgamento, não é uma situação normal.

Quanto ao caso de uma mãe, que se queixa de que os seus filhos, na miséria, desejando que terminem as suas torturas, pedindo que lhes seja feita justiça.

Pois isto foi o suficiente para que um cabo da guarda republicana o prendesse, envergando-o no calabouço n.º 3 do governo civil.

Por este processo que se arranjam agitadores bochechas perigosos, para que se misturem aqueles ar de terror que a polícia pretende.

Já não se pode dizer que a vida está calada.

Associação Anti-Alcoolica

Hoje que definitivamente o sr. Lion de Castro realiza a sua conferência, sob o tema: «Os perigos do álcool», na C. G. do Trabalho, esperando-se a comparecência de um grande número de ouvintes, a Associação Anti-Alcoolica de trabalhadores existente em Portugal.

Todos os dias se recebem adesões.

Festas de solidariedade

Como estavam anunciadas, decorram com ordem e entusiasmo as festas promovidas pela sociedade esperantista *Antena e Juventude Metálica*.

No sábado foi inaugurada a exposição de correspondência esperantista e respectivas publicações e de trabalhos manuais feitos por elementos femininos e oferecidos com um de serem lidos e o seu rendimento revertido para o fim destinado.

O sr. António Pereira do Carmo realizou uma palestra sobre a utilidade do Esperanto, segundo os seus conceitos de um número de vocabulário pelo distinto auctor, e organizando, sendo muito aplaudido, um espectáculo de variedades e monólogos por vários camaradas.

No domingo passado realizou-se uma sessão solene presidida pelo professor do ensino secundário, Sr. Carlos Baptista, em homenagem a Carlos Baptista, um entusiasta de nossa sociedade esperantista.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Operários alfaiates. — Comissão de melhoramentos. — Reunião na quarta-feira esta comissão, para tratar de vários assuntos de carácter reservado, que baixaram para estudo as sub-comissões respectivas devedoras de trabalhos, em dias a seguir, e levando-se a cabo a reunião em definitivo na próxima reunião.

Manipuladores de pão. — Reunião a dois dias, para se ocuparem de diversos assuntos de interesse para a classe, a saber: a marcha do movimento dos trabalhadores de jornais e congéneres e pela sua representação de fazendovistas pela sua próxima vitória.

Resolveu convocar a assembleia magna para domingo, às 18 horas.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Reunião em assembleia geral nos dias 25 e 26 do corrente para apreciar os relatórios do Sindicato Unico, da comissão de melhoramentos, conselho técnico e comissão de estudos, e relatórios de outros corpos de trabalho.

Compositores tipográficos. — Reunião para a comissão administrativa que, depois de aprovar o relatório do estado do tratado de vários assuntos e tomou deliberações importantes. Aproveitou, também, para novos sócios alguns colegas.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — Bolsa de Trabalho e Solidariedade. — São convocados todos os camaradas que fazem parte da Comissão Administrativa da Bolsa de Trabalho e Solidariedade, para tratar de assuntos de grande importância.

Distribuidores de jornais. — Por motivo de imprevisão não se realizou a reunião anunciada para 28 do corrente, ficando transferida para 30, pelas 14 horas, na travessa Aguiar de Figueiredo, 16, 2.º, com a mesma ordem de trabalhos.

Federação Nacional da Indústria Mobiliária. — Comissão Administrativa. — Convidam-se os membros da comissão administrativa a reunir hoje, às 13 horas, a fim de apreciar vários assuntos urgentes.

Federação Nacional da Construção Civil. — Realiza hoje o Conselho Federal, às 20 horas, para continuação de trabalhos pendentes.

Oarrugueiros. — Reunião a comissão administrativa, deste sindicato, em conjunto com a comissão de melhoramentos, para tratar de assuntos de grande importância.

Sindicato Unico Mobiliário. — A fim de tratar de assuntos de grande importância, os camaradas que constituem os corpos gerentes para 1921, a comparecerem hoje, na tarde, às 18 horas, na sede.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Convidam-se os camaradas que foram nomeados para tratar do assunto M. S. para a reunião de hoje, às 20 horas.

Comissão Administrativa. — Convidam-se qualquer pessoa de família do camarada José Alves, queixoso, a vir buscar à sede o que lhe pertence, dentro de um prazo de 24 horas, sob pena de perda.

Operários municipais. — Reunião do corpo gerente, na sua sede, travessa Aguiar de Figueiredo, 16, 1.º, para tratar do assunto que lhes vai ser colado pela Câmara.

Músicos Portugueses. — Reunião hoje, pelas 15 horas, a assembleia geral extraordinária, com o seguinte ordenamento: 1.º Relatório do corpo gerente; 2.º Relatório do corpo gerente; 3.º Relatório do corpo gerente; 4.º Relatório do corpo gerente; 5.º Relatório do corpo gerente; 6.º Relatório do corpo gerente; 7.º Relatório do corpo gerente; 8.º Relatório do corpo gerente; 9.º Relatório do corpo gerente; 10.º Relatório do corpo gerente; 11.º Relatório do corpo gerente; 12.º Relatório do corpo gerente; 13.º Relatório do corpo gerente; 14.º Relatório do corpo gerente; 15.º Relatório do corpo gerente; 16.º Relatório do corpo gerente; 17.º Relatório do corpo gerente; 18.º Relatório do corpo gerente; 19.º Relatório do corpo gerente; 20.º Relatório do corpo gerente; 21.º Relatório do corpo gerente; 22.º Relatório do corpo gerente; 23.º Relatório do corpo gerente; 24.º Relatório do corpo gerente; 25.º Relatório do corpo gerente; 26.º Relatório do corpo gerente; 27.º Relatório do corpo gerente; 28.º Relatório do corpo gerente; 29.º Relatório do corpo gerente; 30.º Relatório do corpo gerente; 31.º Relatório do corpo gerente; 32.º Relatório do corpo gerente; 33.º Relatório do corpo gerente; 34.º Relatório do corpo gerente; 35.º Relatório do corpo gerente; 36.º Relatório do corpo gerente; 37.º Relatório do corpo gerente; 38.º Relatório do corpo gerente; 39.º Relatório do corpo gerente; 40.º Relatório do corpo gerente; 41.º Relatório do corpo gerente; 42.º Relatório do corpo gerente; 43.º Relatório do corpo gerente; 44.º Relatório do corpo gerente; 45.º Relatório do corpo gerente; 46.º Relatório do corpo gerente; 47.º Relatório do corpo gerente; 48.º Relatório do corpo gerente; 49.º Relatório do corpo gerente; 50.º Relatório do corpo gerente; 51.º Relatório do corpo gerente; 52.º Relatório do corpo gerente; 53.º Relatório do corpo gerente; 54.º Relatório do corpo gerente; 55.º Relatório do corpo gerente; 56.º Relatório do corpo gerente; 57.º Relatório do corpo gerente; 58.º Relatório do corpo gerente; 59.º Relatório do corpo gerente; 60.º Relatório do corpo gerente; 61.º Relatório do corpo gerente; 62.º Relatório do corpo gerente; 63.º Relatório do corpo gerente; 64.º Relatório do corpo gerente; 65.º Relatório do corpo gerente; 66.º Relatório do corpo gerente; 67.º Relatório do corpo gerente; 68.º Relatório do corpo gerente; 69.º Relatório do corpo gerente; 70.º Relatório do corpo gerente; 71.º Relatório do corpo gerente; 72.º Relatório do corpo gerente; 73.º Relatório do corpo gerente; 74.º Relatório do corpo gerente; 75.º Relatório do corpo gerente; 76.º Relatório do corpo gerente; 77.º Relatório do corpo gerente; 78.º Relatório do corpo gerente; 79.º Relatório do corpo gerente; 80.º Relatório do corpo gerente; 81.º Relatório do corpo gerente; 82.º Relatório do corpo gerente; 83.º Relatório do corpo gerente; 84.º Relatório do corpo gerente; 85.º Relatório do corpo gerente; 86.º Relatório do corpo gerente; 87.º Relatório do corpo gerente; 88.º Relatório do corpo gerente; 89.º Relatório do corpo gerente; 90.º Relatório do corpo gerente; 91.º Relatório do corpo gerente; 92.º Relatório do corpo gerente; 93.º Relatório do corpo gerente; 94.º Relatório do corpo gerente; 95.º Relatório do corpo gerente; 96.º Relatório do corpo gerente; 97.º Relatório do corpo gerente; 98.º Relatório do corpo gerente; 99.º Relatório do corpo gerente; 100.º Relatório do corpo gerente; 101.º Relatório do corpo gerente; 102.º Relatório do corpo gerente; 103.º Relatório do corpo gerente; 104.º Relatório do corpo gerente; 105.º Relatório do corpo gerente; 106.º Relatório do corpo gerente; 107.º Relatório do corpo gerente; 108.º Relatório do corpo gerente; 109.º Relatório do corpo gerente; 110.º Relatório do corpo gerente; 111.º Relatório do corpo gerente; 112.º Relatório do corpo gerente; 113.º Relatório do corpo gerente; 114.º Relatório do corpo gerente; 115.º Relatório do corpo gerente; 116.º Relatório do corpo gerente; 117.º Relatório do corpo gerente; 118.º Relatório do corpo gerente; 119.º Relatório do corpo gerente; 120.º Relatório do corpo gerente; 121.º Relatório do corpo gerente; 122.º Relatório do corpo gerente; 123.º Relatório do corpo gerente; 124.º Relatório do corpo gerente; 125.º Relatório do corpo gerente; 126.º Relatório do corpo gerente; 127.º Relatório do corpo gerente; 128.º Relatório do corpo gerente; 129.º Relatório do corpo gerente; 130.º Relatório do corpo gerente; 131.º Relatório do corpo gerente; 132.º Relatório do corpo gerente; 133.º Relatório do corpo gerente; 134.º Relatório do corpo gerente; 135.º Relatório do corpo gerente; 136.º Relatório do corpo gerente; 137.º Relatório do corpo gerente; 138.º Relatório do corpo gerente; 139.º Relatório do corpo gerente; 140.º Relatório do corpo gerente; 141.º Relatório do corpo gerente; 142.º Relatório do corpo gerente; 143.º Relatório do corpo gerente; 144.º Relatório do corpo gerente; 145.º Relatório do corpo gerente; 146.º Relatório do corpo gerente; 147.º Relatório do corpo gerente; 148.º Relatório do corpo gerente; 149.º Relatório do corpo gerente; 150.º Relatório do corpo gerente; 151.º Relatório do corpo gerente; 152.º Relatório do corpo gerente; 153.º Relatório do corpo gerente; 154.º Relatório do corpo gerente; 155.º Relatório do corpo gerente; 156.º Relatório do corpo gerente; 157.º Relatório do corpo gerente; 158.º Relatório do corpo gerente; 159.º Relatório do corpo gerente; 160.º Relatório do corpo gerente; 161.º Relatório do corpo gerente; 162.º Relatório do corpo gerente; 163.º Relatório do corpo gerente; 164.º Relatório do corpo gerente; 165.º Relatório do corpo gerente; 166.º Relatório do corpo gerente; 167.º Relatório do corpo gerente; 168.º Relatório do corpo gerente; 169.º Relatório do corpo gerente; 170.º Relatório do corpo gerente; 171.º Relatório do corpo gerente; 172.º Relatório do corpo gerente; 173.º Relatório do corpo gerente; 174.º Relatório do corpo gerente; 175.º Relatório do corpo gerente; 176.º Relatório do corpo gerente; 177.º Relatório do corpo gerente; 178.º Relatório do corpo gerente; 179.º Relatório do corpo gerente; 180.º Relatório do corpo gerente; 181.º Relatório do corpo gerente; 182.º Relatório do corpo gerente; 183.º Relatório do corpo gerente; 184.º Relatório do corpo gerente; 185.º Relatório do corpo gerente; 186.º Relatório do corpo gerente; 187.º Relatório do corpo gerente; 188.º Relatório do corpo gerente; 189.º Relatório do corpo gerente; 190.º Relatório do corpo gerente; 191.º Relatório do corpo gerente; 192.º Relatório do corpo gerente; 193.º Relatório do corpo gerente; 194.º Relatório do corpo gerente; 195.º Relatório do corpo gerente; 196.º Relatório do corpo gerente; 197.º Relatório do corpo gerente; 198.º Relatório do corpo gerente; 199.º Relatório do corpo gerente; 200.º Relatório do corpo gerente; 201.º Relatório do corpo gerente; 202.º Relatório do corpo gerente; 203.º Relatório do corpo gerente; 204.º Relatório do corpo gerente; 205.º Relatório do corpo gerente; 206.º Relatório do corpo gerente; 207.º Relatório do corpo gerente; 208.º Relatório do corpo gerente; 209.º Relatório do corpo gerente; 210.º Relatório do corpo gerente; 211.º Relatório do corpo gerente; 212.º Relatório do corpo gerente; 213.º Relatório do corpo gerente; 214.º Relatório do corpo gerente; 215.º Relatório do corpo gerente; 216.º Relatório do corpo gerente; 217.º Relatório do corpo gerente; 218.º Relatório do corpo gerente; 219.º Relatório do corpo gerente; 220.º Relatório do corpo gerente; 221.º Relatório do corpo gerente; 222.º Relatório do corpo gerente; 223.º Relatório do corpo gerente; 224.º Relatório do corpo gerente; 225.º Relatório do corpo gerente; 226.º Relatório do corpo gerente; 227.º Relatório do corpo gerente; 228.º Relatório do corpo gerente; 229.º Relatório do corpo gerente; 230.º Relatório do corpo gerente; 231.º Relatório do corpo gerente; 232.º Relatório do corpo gerente; 233.º Relatório do corpo gerente; 234.º Relatório do corpo gerente; 235.º Relatório do corpo gerente; 236.º Relatório do corpo gerente; 237.º Relatório do corpo gerente; 238.º Relatório do corpo gerente; 239.º Relatório do corpo gerente; 240.º Relatório do corpo gerente; 241.º Relatório do corpo gerente; 242.º Relatório do corpo gerente; 243.º Relatório do corpo gerente; 244.º Relatório do corpo gerente; 245.º Relatório do corpo gerente; 246.º Relatório do corpo gerente; 247.º Relatório do corpo gerente; 248.º Relatório do corpo gerente; 249.º Relatório do corpo gerente; 250.º Relatório do corpo gerente; 251.º Relatório do corpo gerente; 252.º Relatório do corpo gerente; 253.º Relatório do corpo gerente; 254.º Relatório do corpo gerente; 255.º Relatório do corpo gerente; 256.º Relatório do corpo gerente; 257.º Relatório do corpo gerente; 258.º Relatório do corpo gerente; 259.º Relatório do corpo gerente; 260.º Relatório do corpo gerente; 261.º Relatório do corpo gerente; 262.º Relatório do corpo gerente; 263.º Relatório do corpo gerente; 264.º Relatório do corpo gerente; 265.º Relatório do corpo gerente; 266.º Relatório do corpo gerente; 267.º Relatório do corpo gerente; 268.º Relatório do corpo gerente; 269.º Relatório do corpo gerente; 270.º Relatório do corpo gerente; 271.º Relatório do corpo gerente; 272.º Relatório do corpo gerente; 273.º Relatório do corpo gerente; 274.º Relatório do corpo gerente; 275.º Relatório do corpo gerente; 276.º Relatório do corpo ger